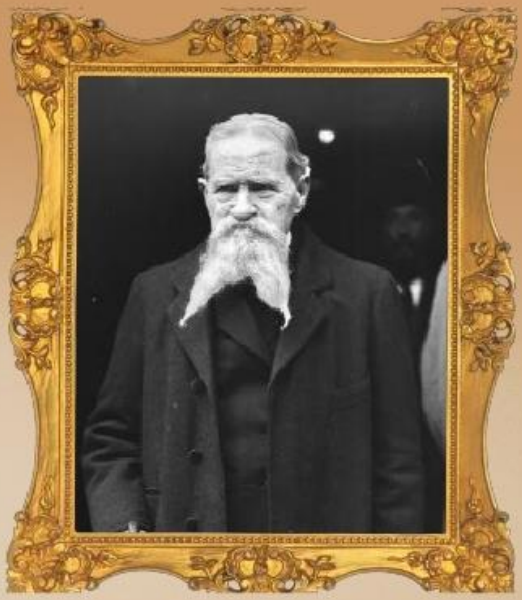
Autores Espíritas Clássicos

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE PARIS EM 1925

LÉON DENIS



LÉON DENIS

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE PARIS EM 1925

TRADUTORA
TERESA DA ESPANHA

REVISÃO
IRMÃOS W.

CAPA
ERY LOPES

DISCOURS DE LÉON DENIS PRONONCÉS À L'OCCASION DU CONGRÈS MONDIAL SPIRITE DE PARIS, DU 6 AU 13 SEPTEMBRE 1925.

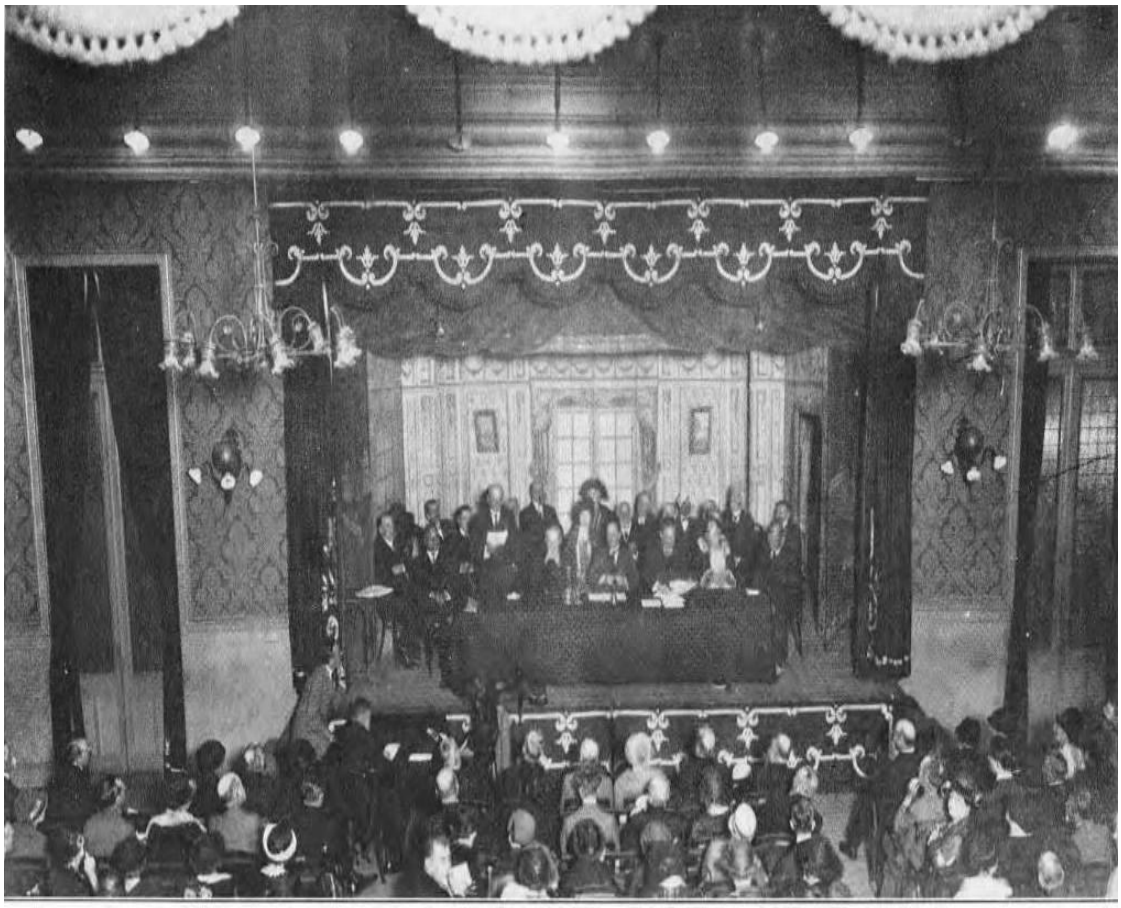
VERSÃO DIGITALIZADA EM 2018

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
WWW.AUTORESESPIRITASCLASSICOS.COM

Data da publicação: 16 de maio de 2018

Tradutor: Teresa da Espanha
REVISÃO: Irmãos W.
Capa: Ery Lopes
Publicação: **www.autoresespiritasclassicos.com**

São Paulo/Capital
Brasil



Congrès Spirite International - Paris 1925
Séance d'ouverture à la Salle des Sociétés Savantes

Photo Henri Manu

LÉON DENIS,

Président du Congrès Spirite International de Paris

LÉON DENIS E O CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE PARIS EM 1925

Léon Denis foi convidado para ser o Presidente de Honra do Congresso Espírita Internacional de Paris, a realizar-se entre 06 e 13 de setembro de 1925 e que pode ser considerado o mais relevante dos Congressos espíritas jamais realizados. Denis, entretanto, ao receber o ofício se mostrou aborrecido: estava velho, cansado e quase cego. No decorrer da sessão, composta de um grupo muito reduzido e do qual Mlle. Beaumard fazia parte, ao se manifestar o espírito de Allan Kardec, Denis lhe disse tudo quando o preocupava, alegando que Camille Flammarion poderia perfeitamente substituí-lo.

Kardec, que enaltecera o acontecimento, julgava que Denis deveria aceitar o convite. Mas o escritor mostrou-se hesitante.

Estou muito velho e as forças me faltam para chegar até Paris, bastante distante de Tours. E falta-me vista. Além disso sinto-me cansado e sem forças para arcar com tal empreendimento.

Vou sugerir que convidem Camille Flammarion.

Camille Flammarion não estará lá! – Redargüiu o Espírito comunicante.

Mas como? Flammarion não estará lá? Será possível que deixe de comparecer?

Camille Flammarion não estará lá!

E não deu outras explicações.

Denis se conformou e escreveu ao secretário do Congresso agradecendo e aceitando a atribuição.

Como se sabe Léon Denis é considerado o grande propagandista do Espiritismo, aquele que levava ao povo a consoladora doutrina. Seus livros eram muito procurados pelo povo sofredor que suportara a luta e as atribulações de uma guerra feroz e terrível.

Meses se passaram e, sempre nas sessões de Tours, Allan Kardec incentivava o amigo para a reunião magna em Paris, ao mesmo tempo que fazia sugestões para o derradeiro livro de Denis, “O Gênio Celta e o Mundo Invisível” no qual o escritor encarnado faz uma apologia do celtismo, conferindo-lhe especial atenção e estabelecendo curiosos paralelos entre as doutrinas célticas e o próprio Cristianismo.

O trabalho corria a meio quando uma triste notícia abalou o meio espírita: Camille Flammarion desencarnara no dia 3 de junho de 1925.

Então Léon Denis compreendeu o motivo pelo qual Allan Kardec, naquela especial sessão em Tours, insistira duas vezes em que Camille Flammarion não estaria presente ao Congresso. E foi assim que, em um domingo, 6 de setembro de 1925 Léon Denis discursava dando as boas-vindas aos congressistas.

O Congresso se realizou de 06 a 13 de setembro e acolheu representantes de 22 países, entre eles Sir Arthur Conan Doyle e Sir Oliver Lodge.

RIE - Revista Internacional do Espiritismo - Julho e Novembro de 1975

SUMÁRIO

Apresentação.....09
I - Congresso Espírita Internacional de Paris em 1925 10
II - Nos Bastidores do Congresso Espírita em 1925 por Claire Baumard a Biografa de Léon Denis 16
III - Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso, na reunião de abertura em 10 de Setembro 1925 29
IV - Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso na Sessão de encerramento em 13 de setembro 1925 34
V - Discurso Sr. Léon Denis publicados na Revista Espírita do mês outubro e novembro de 1925 41
Nota A - Primeiro Encontro de Léon Denis com Allan Kardec..48
Nota B - O Caminho Da Vida (Kardec, Allan. Obras Póstumas) 51

APRESENTAÇÃO

Como apóstolo do Espiritismo, Léon Denis se embrenhou, além da literatura, nos grandes encontros realizados na Europa, tendo participado de alguns memoráveis congressos espíritas entre o fim do século XIX e no primeiro quartel do século XX.

Nesta obra, recolhemos os discursos proferidos por Léon Denis no Congresso Espírita Internacional de Paris em 1925, realizado de 06 a 13 de setembro, em Paris.

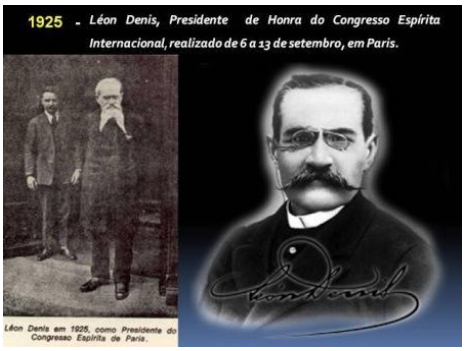
Foi o último evento de que o venerando mestre participou, tendo sido o seu presidente de honra.

Claire Baumard a secretária e a biografa de Léon Denis vem completar com relatos sobre os bastidores sobre este Congresso Espírita e dar vida nos relatos.

O Espiritismo da terra de Allan Kardec estava exaurido, sendo que este Congresso Espírita foi dominado pelos ingleses e a questão da reencarnação ainda era visto com reservas, já não existiam mais quadros de representabildade nos ensinos do mestre de Lyon.

Do outro lado da Atlântico num pais chamado Brasil a Codificação Espírita elaborada por Allan Kardec surgia uma nova fase na coroação dos ensinamentos de Cristo, sendo representados por uma lavra de novos espíritas que atingiu o seu cume através da mediunidade de Francisco Cãndido Xavier.

Irmãos W.



I

CONGRESSO ESPÍRITA INTERNACIONAL DE PARIS EM 1925

Comitê organizador:

Presidente: Léon Denis.
Vice-presidente: Jean Meyer.
Secretário geral: Andrés Ripert.
Secretário assistente: Juan Booss.
Tesoureiro: comandante Blaye.
Membros: Bataillard, Bechade, Boiteault, Bourdon, Cheville, Chevreuil, Ete, Fieffey, Pascal Fontenay, Fortuny, Hely, Lancelin, Lemoine, Mahieu, Malosse, Marty, Melusson, Michel, Philippe, Poisson, Potocki, Rhem, Richard, Rozier, Saint-Cene, de Saint Priest d'Urgell, Trocmé, Valabrègu, Maxwell, Viguier, – Sr. Darget.

Delegações presentes no Congresso

- África do Sul:. Sra. Gladys Davies.
- Alemanha: MM. Brun, presidente da Wahrer Weg, de Hanôver Schlotterberg, de Sttutgart.
- Inglaterra: Sir Arthur Conan Doyle. – Lady Conan Doyle. – Sir Oliver Lodge – Spiritualist National Union, Berry, presidente da F. I., secretário geral da S. N. U. – Sr. Oaten, delegado da Grã-Bretanha e secretário de The Two Worlds. – Blake. – Bessant. – Slimming. – Newton. – Wickers. – Keeling. – Franck. – Dr. Wallace, membro da 'Société de Recherchés Psychiques. – Berry.

– Miss Scartcherd. – Dra Margaret Vivian. British spiritualist Lyceum Union. – Sr. Mack, secretário. – London Spiritualist: M. Curnow. – London Alliance: doutor Abraham Wallace. – Marylebone Spiritualist Asson: miss Lind of Hageby. – Wimbledon Spiritualist Missian: Sr. Richard A. Buhs, presidente.
- Bélgica: José Lhomme, diretor de Vie de Outre Tombre e presidente da «União Espírita Belga». – Mlle. Devos, secretária da Sociedade de Estudos Psíquicos e Espirituais de Anvers. – Senhores Dardenne e Maillet, do «Sinceriste Belge». – Sra. Jane Oudot, da «Revue Metapsychique Belge». – Sra. Melart, de Namur. – Doutor Wauthy.
- Brasil: Sr. Jules Thiebciult, representante de O Clarim e da «Revista Internacional de Espiritismo».
- Costa Rica: Dom Quintín López.
- Cuba: Sr. Jules Tussau Vega.
- Espanha: Centro Caridade e Liberdade, Sr. Gertsh.
- Estados Unidos: Rev. Thomas Grimshaww diretor da National Spiritualist Association de New York e a Sra. Cadwallader, editora do principal jornal 'The Progressive Thinker' de Chicago.
- França: Sr. Georges Melusson, presidente da Sociedade de Estudos Psíquicos de Lion. – Forthuny, secretário geral da União Espírita Francesa. – Léon Chevreuil tesoureiro da União Espírita Francesa. – Gaston Luce. – Sra. Ducel, do «Foyer Spirite de Béziers». – Dom Enrique Fernández, do grupo «La Caridad», de Argel.
- Grécia: Sr. Yotopoulos.
- Holanda: Sr. Beversluis, Sr. Goedhart, Sr Bergman.
- Hungria: Sra. Reichenhaller.
- Índia inglesa: Sr. Rishi, diretor da Indian Spiritualist Society.
- Indochina: Sr. M. Paul Monet.
- Itália: Srs Mellini, diretor de «Cosmer Revue» e de «Journal Esperantiste International».
- Noruega: Sra. Ellen Letort.
- Polônia (Imprensa): Marendawski, de «La Renovation».
- Portugal: Sr. Enrico de Castro Graça Zugarte.

- Romênia: Sr. Stanulescu.
- Suíça: Srs. Raoul Montandon e Juan Booss, da Sociedade de Estudos Psíquicos de Genebra.

As reuniões das Comissões aconteceram no Salão de Atos da Casa dos Espíritas; as sessões do Pleno no local «Societés Savantes», Rue Danton.

Foi eleito presidente do Congresso o grande escritor francês León Denis.

O exímio propagandista inglês Sir Arthur Conan Doyle pronunciou uma conferência na Sala Wragan, enchendo completamente o amplo salão e deixando mais de mil personas sem poderem entrar.

Foi, sem dúvida alguma, o ato mais importante realizado pelos espíritas franceses.

PROGRAMA DO CONGRESSO

Aberto a todas as Federações, Sociedades e Agrupações espíritas. Espiritismo. Espiritualismo. Psiquismo

Classificação dos relatórios a dirigir ao Congresso:

1.ª Seção. Experimentação. Demonstração.
2.ª Seção. Doutrina. Teoria. Discussão.
3.ª Seção. Filosofia. Moral. Sociologia
4.ª Seção. Ensinamentos. Propaganda. Estatística
5.ª Seção. Exposição espírita. (Arte espírita.)

PRIMEIRA SEÇÃO

a) Fatos que demonstram a existência no homem de uma força extramaterial.

b) A mesma força exteriorizada. Ação magnética à distância. Telepatia. Ação curativa com ou sem contato. Levitação. Transporte de objetos. Fenômenos luminosos.

c) Fatos que demonstram a existência e a ação de uma consciência extra-sensorial. Sonambulismo, clarividência. Psicometria. Premonição, etc.

d) Fatos espíritas propriamente ditos (mediunidade). Manifestações espontâneas:
Casas assombradas, Aparições. Visões, Existência e ação do perispírito.
Organização técnica e prática de sessões espíritas. Importância da homogeneidade e instrução prévia. Estudos dos melhores sistemas de iluminação (luz fria, etc.). Ação da música.

SEGUNDA SEÇÃO

Doutrina. Teoria

Análise e conclusão da observação dos fatos detalhados na Seção Primeira.
a) Existência da alma.
b) Sobrevivência.
c) Sua evolução progressiva durante a encarnação e no além.
d) Reencarnação, explicando desigualdades sociais, aptidões inatas, simpatias, etc.

TERCEIRA SEÇÃO

Filosofia. Moral. Sociologia

Influência da doutrina espírita na evolução humana.

a) Influência no progresso das ciências.
b) Influência na filosofia.
c) Influência na moralidade.
d) Influência na sociologia.
e) Influência nas religiões.
f) Pesquisas e estudos sobre o sentido da evolução universal.

QUARTA SEÇÃO

Ensinamentos. Propaganda. Estatística

a) Conferências. Projeções. Filmes. Teatro.
b) Sessões de demonstração.

c) Publicações periódicas. Revistas. Folhetos. Literatura espírita.
d) Estudo das dificuldades encontradas na propaganda de nossos ideais, objeções que nos são feitas.
e) Instituições espíritas. Fundações. Obras de Beneficência
f) Estatística propriamente dita.

QUINTA SEÇÃO

Exposição de Arte Espírita

Fotografia do pensamento e da força psíquica.
Moldes.
Fotografias de duplos e de espíritos. Quadros medianímicos.

RESUMO DO TRABALHO DAS COMISSÕES

Primeira Comissão

Dicionário Espírita: nada. O Comitê Executivo deve nomear uma Comissão para estudá-lo.
Controle de meios: a Comissão propõe a abertura de um inquérito para descobrir quais são os melhores meios de controle e quais são os mais favoráveis para a produção dos fenômenos.
Médiuns de cura: fica combinado, por sugestão da delegação inglesa, que os médiuns de cura mantenham um livro de registro das curas verificadas por eles, com todos os testemunhos e provas de autenticidade possíveis.
A seguinte moção é votada:
«O Congresso Espírita afirma que a mediunidade em todas as suas formas oferece à ciência um campo de investigação do maior valor e que, portanto, é de grande interesse que tanto durante as sessões como fora delas os médiuns sejam tratados de tal maneira que fiquem protegidos contra acusações de insanidade e fraude, deixando à parte, logicamente, de casos em que a fraude seja provada, evitando também que eles fiquem sujeitos a qualquer exploração comercial ".
Centro «Caridade e Liberdade»: as propostas desta sociedade sobre o luto e a bandeira espírita foram rejeitadas pelo Congresso.

Segunda Comissão

Código Penal. A Comissão propõe que o Congresso expresse seu desejo de que "a influência dos ensinamentos espíritas seja evidenciada cada vez mais na elaboração do Código Penal de todas as nações".
Sociologia: "A Ação social do Espiritismo deve ser moral e aplicada efetivamente à conduta individual de todos os membros da grande família espírita".

Terceira Comissão

União Espírita: é declarada eminentemente desejável a união de todos os espíritas do mundo. É importante fazer um grande esforço para tanto, através de uma tolerância cada vez mais abrangente e compreensiva.
Educação: é adotada a proposta da British Lyceum.

CONCLUSÕES DOUTRINÁRIAS DO CONGRESSO

1.º Existência de Deus, Inteligência e Causa Suprema de todas as coisas.
2.º Existência da alma unida durante a vida terrestre ao corpo perecível por um elemento intermediário chamado perispírito ou corpo fluídico indestrutível.
3.º Imortalidade da alma, evolução contínua para a perfeição através de vidas sucessivas.
4.º Responsabilidade individual e coletiva entre todos os seres.

Pela primeira vez em um Congresso espírita celebrado em um país latino, a Reencarnação não constituiu motivo para uma afirmação franca e explícita.

V Congreso Espiritista Internacional
Federación Espírita Española

Mlle. Baumard, de pé, ao lado de sua irmã Mlle. Grabrielle.

II

Nos Bastidores do Congresso Espírita em 1925 por Claire Baumard a Biografa de Léon Denis

Léon Denis havia, em 1900, presidido ao Congresso de Paris; nessa época os espíritas parisienses não tinham por centro de suas reuniões senão uma construção de madeira ao fundo de um pátio, rua do Fauburg Saint Martin. Eles ficaram muito felizes depois da guerra graças a uma mecenas: o Sr. Jean Meyer. Tiveram uma organização à altura de sua grandeza e da força de sua doutrina. O mestre não conhecera nada desta organização material; durante a guerra sua cegueira havia crescido, ele havia vivido à parte do mundo, confinado em sua casa.

O anúncio de um Congresso para 1925 deixou Léon Denis pensativo; ele hesitava em julgá-lo oportuno. A Federação Espírita Internacional, tendo sido fundada recentemente, levava o mestre a pensar que teria sido preferível deixar este grande organismo espiritualista funcionar durante alguns anos antes de sonhar em ocupar os membros em um Congresso. Todavia ele não tardou a mudar de apreciação, A Revista Espírita consagrava a cada mês uma de suas páginas à preparação deste Congresso. Nós líamos com interesse os preliminares que se seguiam aos programas dos trabalhos e que continham a convocação do Comitê de Organização, endereçada aos congressistas. Foi com uma atenção suspensa que o escritor ouviu esta leitura, fez sublinhar algumas passagens que pareciam refletir com particular

importância, e se declarou muito satisfeito com os assuntos propostos no programa. O Sr. Jean Meyer, a quem foi mandada a apreciação, exprimiu-lhe sua alegria e insistiu para que ele tomasse parte nestas grandes realizações espiritualistas; perguntou-lhe se não teria por bem representar o Brasil ou o México. Em sua resposta, Léon Denis fez reservas invocando sua idade avançada e sua enfermidade que lhe tornavam todas as viagens difíceis.

O mestre expôs a situação a seus guias em uma reunião íntima e estes o encorajaram a aceitar a participação no Congresso, porém ele lhes objetou o que chamava "o fardo de suas enfermidades".

– É presumir de minhas forças, em minha idade, presidir a um Congresso – disse-lhes ele –; Flammarion me substituirá muito bem!

Léon Denis havia apenas pronunciado estas palavras quando foi interrompido por seu médium que num tom nítido e firme lhe respondeu:

– Flammarion não estará lá.

– Como?! Flammarion se absterá? – respondeu Léon Denis espantado.

– Não, ele não estará lá!

Nenhuma palavra foi acrescentada e as pessoas presentes não puderam de forma alguma supor a morte próxima do célebre astrônomo. Três meses depois, ela sobrevinha. Tomando conhecimento dela o mestre glorificou diante de nós o eminente sábio cujas obras já haviam maravilhosamente vulgarizado uma ciência árida, colocando-a assim ao alcance de todas as inteligências.

Então foi iniciado um trabalho opinativo, boas vindas, a locução prévia à abertura do Congresso, refutações possíveis aos metapsiquistas, discursos de encerramento; tudo isto foi elaborado; Léon Denis ditou em seguida seu trabalho: "História do desenvolvimento do Espiritismo em Tours".

O mestre estava em perfeita saúde; com sua habitual independência de caráter ele procedeu sozinho aos preparativos de sua viagem; na 5ª feira, 4 de setembro, ele partia para Paris acompanhado de Gaston Luce, devendo desde o dia seguinte assistir na "Maison des Spirits", 8 Rua Copernic, à reunião do Comitê Geral e à Assembléia Geral da Federação Espírita Internacional. Os dias que se seguiram foram um arrebatamento. Subjugados pelo encanto da palavra do mestre, desde a primeira sessão plenária na sala da "Sociedades Sábias" os espíritas deviam, três vezes ainda nesta mesma sala, fruir de seu talento prestigioso. O orador ultrapassou a si mesmo, ele conduziu os debates com uma juventude de espírito, com uma facilidade de elocução notáveis. Seu tato habitual, seu bom humor e sua urbanidade encantaram os espectadores. Que majestade revestia o apóstolo quando seu belo gesto de portador da tocha acompanhava suas vibrantes perorações! O ensinamento que o ancião sintetizava em sua palavra era como uma viva luz iluminando as delicadas questões da experimentação e de tudo que diz respeito ao Espiritismo" Os congressistas guardarão para sempre a lembrança de Léon Denis muito pálido, pronunciando seu magnífico discurso de boas vindas diante dos representantes espíritas de 22 nações.

"Nós vos saudamos a todos – disse ele – a qualquer nação que pertenceis, em nome de nossas crenças comuns, em nome da grande causa a que servimos. É provável, senhoras e senhores, que muitos dentre vós se encontrem aqui pela primeira vez e, entretanto, nós vos sentimos a todos reunidos pelos laços poderosos, pelos laços espirituais que unem as almas em uma fé sincera, uma aspiração ardente, para a verdade, para a luz; e, não é este laço, por excelência, o laço indestrutível que reaproxima as almas como membros de uma mesma família e, ao mesmo tempo, une a Terra ao Espaço? Pois todos nós sabemos que, acima de nossas pátrias humanas, mais alto que nossas diferenças de línguas e de raças, há a grande pátria eterna, de onde todos saímos por ocasião de nosso nascimento, para onde retornamos

todos após a morte, para nos encontrar nesta pátria de almas, que não tem fronteiras, que não tem limites, porque é o campo imenso da evolução de todos os seres em sua ascensão lenta e gradual para Deus."

O mestre definiu em seguida a finalidade e o futuro do Espiritismo. Este longo desenvolvimento foi frequentemente interrompido pelos aplausos e várias vezes cortado pelo tradutor inglês. Nem a mínima hesitação nos períodos; os oradores, mesmo os mais jovens conferencistas, tinham necessidade de recorrer ao texto para que o fio de seus discursos não fosse interrompido. A todos o mestre dava a impressão de contar com seu pleno controle cerebral.

No dia 10 de setembro, Léon Denis pronunciou o discurso de abertura; foi uma bela alocução onde estava traçada a história do Espiritismo desde há cinquenta anos, com suas numerosas tribulações, mas também com seu soberbo desenvolvimento. Ele terminou mostrando aos espíritas do mundo inteiro que a pesada responsabilidade e que a grandes deveres estavam incumbidos.

A intervenção do Sr. Valabrègue forneceu ao mestre oportunidade para uma magistral improvisação. O debate era sobre a Liberdade de Consciência. O Sr. Valabrègue partira para o combate após ter ouvido o discurso de Léon Denis e a relação muito interessante do Secretário Geral, Sr. Ripert. Ele exclamara:

"Eu, eu não adoto vossa afirmação porque ela não proclama a liberdade de consciência."

A isto Léon Denis replicou:

"Fizemos a revolução para ter a liberdade de consciência; nossos pais derramaram seu sangue para ter liberdade de consciência, creio que ela existe e que irradia sobre a França inteira. Após a leitura do relatório discutiremos esta questão que me parece, entretanto, supérflua, porque a liberdade de consciência existe, ela é mantida e contra ela ninguém se poderá opor nem combatê-la."

Após diferentes leituras de comunicações (as do Dr. Maxwell, procurador geral da Corte de Apelações de Bordeaux e de Sir

Oliver Lodge), a palavra foi dada ao Sr. Valabrègue; ele dissertou longamente, foi eloquente, interessante, mas a grande maioria da assembléia não aprovou a diatribe que fazia aos espíritas, a reprovação de ortodoxia e de não ter feito do amor, a base e o princípio essencial de sua doutrina.

Não tirávamos os olhos do mestre que, um pouco curvado sobre a mesa, ouvia atentamente seu contraditor, parecendo contrair-se sobre si mesmo como um lutador que prepara suas forças antes de medir-se com seu adversário. Ele se ergueu quando o Sr. Valabrègue terminou e fez uma magnífica improvisação:

"Senhoras, senhores – disse ele –, permiti-me resumir este debate em algumas palavras; segui com atenção os discursos muito eloquentes e espirituais do Sr. Valabrègue e me pergunto agora em que, realmente, suas opiniões diferem das nossas. Eu não vejo nenhuma diferença, senão quanto à maneira de exprimir. No fundo estamos perfeitamente de acordo e, neste caso, por que discutir? Ele nos falou de Cristo e de seu grande amor. Mas todos nós admiramos o Cristo e todos nós nos prosternamos com respeito diante desta grande figura que domina os séculos e permiti-me lembrar que o Cristo não apenas deu um exemplo magnífico de devotamento e sacrifício, mas nos trouxe também um ensinamento: a razão de sua encarnação sobre a Terra. Ele veio dar-nos um conhecimento de Deus, da alma e do destino, princípios que, infelizmente, não se aplicam mais em toda sua beleza e em toda sua grandeza. É precisamente nossa obra fazer com que revivam; é por isso que estamos reunidos, que trocamos opiniões, que sofremos há cinquenta anos para reconstituir e dar à humanidade o ensinamento do Cristo; por fim, permiti-me dizer-vos: haveis pronunciado a palavra ortodoxia; Espiritismo não é uma ortodoxia no sentido de doutrina fechada, de doutrina rígida, é simplesmente uma representação livre do pensamento, é uma evolução, é uma etapa para a verdade integral, para o infinito. Allan Kardec não disse que o Espiritismo permaneceria aberto a todos os desenvolvimentos do futuro e, por

consequência, a todas as manifestações do pensamento e da Ciência? Mas justificamos estas palavras, incorporamos em nossos trabalhos, em nossas obras todos os progressos, todos os conceitos das ciências, fizemos melhor do que isto, indicamos os caminhos, as rotas a seguir. Foi graças a nós que os sábios entraram em nossas vias, no estudo do mundo invisível, no estudo das forças invisíveis; foi graças aos nossos estudos e às nossas pesquisas. Quem foi, enfim, que falou em primeiro lugar, nos tempos modernos, do fluido, da mediunidade, do corpo astral? Foram os espíritas! Atualmente ainda, todos os sábios, todos os metapsiquistas, não fazem senão caminhar sobre nossos traços, e seguir o caminho que percorremos há muito tempo. Pois bem! Caro amigo, permiti-me dizer-vos, todos os nossos esforços convergem para o objetivo do qual haveis entrevisto a hora.

Falastes de consolações a dar à humanidade, àqueles que sofrem, mas calculais todas as provas e todos os sofrimentos e todas as dores que o Espiritismo consolou? O Espiritismo não é simplesmente um ensinamento que repousa sobre base certa, é um critério que desafia contradições. O Espiritismo é um ensinamento para o mundo inteiro. Ensina-se por toda parte a reencarnação, os princípios do amor, e é isto que faz a base do Espiritismo; jamais nenhuma doutrina apoiou-se sobre um critério tão universal.

Esse sentimento de amor de que falais é a própria base do ensinamento espírita, como do ensinamento cristão.

Ele não é escola, doutrina, ensinamento, qualquer que seja sua forma e que não tenha seus princípios. Nós temos princípios que ultrapassam os outros neste sentido de que eles nos vêm do Alto, de todos os pontos da Terra e que concordam entre si nos pontos essenciais.

Nesta reunião, em que todas as nações estão representadas, os anglo-saxões parecem se diferenciar de nós em certos pontos, mas a fusão que se opera – tendes a confirmação em obras, em telegramas e em manifestações do pensamento – demonstra que uma ideia, imensa, bela, sublime, se ergue acima das

contingências e faz irradiar seu poder e sua bondade sobre o mundo. Estamos todos de acordo; diferimos em termos e expressões, e se o Sr. Valabrègue quiser refletir, verá que estamos todos unidos em um mesmo sentimento de fraternidade e de união e que marchamos todos no mesmo passo para horizontes melhores, para dias mais belos para a humanidade!”

Na sessão de 11 de setembro, o Sr. Viguier permitiu igualmente ao mestre fazer uma bela interpretação, fazendo notar que os espíritas, tendo, na exposição de sua doutrina, o princípio da crença em Deus, só fazem adeptos entre os materialistas.

“Sou do parecer – acrescentou ele – que nossa filosofia não tem nenhuma relação com a crença; o que importa, sobretudo, é interessar as massas no Espiritismo. Estimo que os princípios de nossa filosofia não devem trazer nem negação nem afirmação concernentemente à divindade, esta do domínio da fé, e é preciso conceder, a este respeito, a cada um de nossos aderentes, a liberdade de crença mais extensa.”

Léon Denis lhe respondeu:

“Vemos a questão de Deus de um ponto de vista exclusivamente necessária às nossas manifestações. Há, na França, duas escolas psíquicas. Gostaria de oferecer detalhes quanto à maneira de proceder das duas escolas. Há os kardecistas e os metapsiquistas. Os kardecistas crêem na existência dos Espíritos, dos quais dão provas múltiplas, infalíveis e sempre mais numerosas. Por experimentação sabem que acima do mundo dos Espíritos existe um foco superior – não lhe dou nome – um foco de onde emanam e se difundem, ao infinito, correntes de forças, e é esse foco eterno que une todos os seres, que os Grandes Espíritos retiram as forças necessárias para se manifestar e produzir fenômenos convincentes, em uma solidariedade estreita, em virtude de leis universais. É esta força protetora que dirige nossas sessões experimentais.”

No dia seguinte, Léon Denis teve um dia sobrecarregado; ele pronunciou, antes, um magnífico discurso sobre a ciência metapsíquica, disse o que esperava dela e, também, o que nela

reprovava. Depois teve de se encarregar ainda do discurso de encerramento que lhe valeu uma grande ovação:

"Vamos nos separar e talvez não nos tornemos a ver neste mundo, porém nos reveremos certamente no outro e nele trabalharemos ainda para servir à causa da verdade e a difundir, cada vez que possamos, os raios de sol levante que se chama Espiritismo.

Encerrando, eu chamo sobre vós as radiações da força divina a fim de que elas vos penetrem, venham fecundar vossas almas e façam persistir em vós o devotamento, a coragem, a abnegação que vos ajudarão a defrontar as dificuldades da vida, do materialismo, a fim de que possais difundir por todo o mundo a convicção que está em vossos corações."

Os representantes estrangeiros, tanto quanto os da França, guardaram destes poucos dias passados em intimidade com o mestre, sob a irradiação de seu pensamento, seu ensinamento, uma impressão inesquecível. Todos, sem exceção, sentiram que a doutrina que amam tinha em Léon Denis um líder venerável que, por sua grande fé e sua eloquência persuasiva e a lucidez de suas vistas, era um digno continuador de Allan Kardec.

O Congresso teve um lado ilustrativo pela conferência, com projeções de Sir Conan Doyle; milhares de parisienses lotaram desde cedo as salas da Sociedade Sábia, depois a sala Wagran, onde foi feita uma segunda conferência. Estima-se que milhares de pessoas não puderam entrar neste imenso local que conteria facilmente cinco mil pessoas. A imprensa se maravilhou com este sucesso e não dissimulou seu espanto de que Paris contasse com um número tão grande de pessoas interessadas no Espiritismo. Ela conveio que, se Sir Conan Doyle se tivesse decidido a pronunciar uma terceira conferência na sala do Trocadero, esta sala imensa teria sido muito pequena para conter os auditores do famoso pioneiro inglês. Léon Denis se rejubilava muito com este ocorrido da massa em torno de Sir Arthur Conan Doyle.

O Congresso absorveu exclusivamente o mestre; quando ele não estava na rua Copernic, ou na sala da Sociedade Sábia, ele meditava em seu quarto. Contrariamente ao Congresso de 1900, em que havia recebido muitas pessoas, desejava viver ignorado e escondia seu endereço aos seus amigos mais íntimos. Não foi senão no fim de sua permanência em Paris que um jornalista pôde despistá-lo e obter dele uma entrevista. O Sr. Esquier de *La Libèrte* relatava no dia seguinte, nestes termos, a conversa que havia tido com o mestre a respeito do Espiritualismo moderno:

"No momento em que o Congresso Espírita acaba de encerrar seus trabalhos, parece-nos interessante recolher da própria boca de seu presidente, o Sr. Léon Denis, as conclusões a que chegou esta Assembléia Internacional.

Sabe-se que o Sr. Denis, grande apóstolo do Espiritismo e sucessor de Allan Kardec, escreveu numerosas obras sobre as Ciências metapsíquicas e das quais a mais notável, *Depois da Morte*, é um livro de alta filosofia, tratando da sobrevivência e de tudo a quanto a ela se relaciona.

O eminente espírita pôde nos receber esta manhã.

É um ancião de oitenta anos, quase cego, a barba de neve e que lembra, fisicamente, o Moisés de Miguel Ângelo e também Tolstoi. Infinitamente cortês, prestou-se às nossas perguntas e seu tom, de começo familiar, elevou-se logo até a eloquência mais apaixonada e mais persuasiva:

– Estás satisfeito, mestre, com o resultado do Congresso? – perguntamos.

– Encantado! Seus resultados serão consideráveis... É uma nova vitória para o Espiritismo Kardecista. Está longe o tempo em que se respondia às afirmações dos espíritas com sarcasmos. A atenção pública voltou-se para o seu lado. A discussão, a controvérsia cortês substituíram a difamação. Contestava-se a realidade dos fenômenos, que os metapsiquistas fizeram, por experiências de laboratório, a demonstração de que eles existem. As afirmações de um William Barrett, um Oliver Lodge, um Charles Richet, vinham depois das de William Crookes e não se

contestam. Muitos sábios reclamam ainda outras provas. Eles duvidam, essas provas, eles as obterão, se quiserem estudar as forças desconhecidas, com a boa vontade necessária, tendo em conta que eles não estão mais em presença de forças mecânicas, mas de forças inteligentes.

"O Espiritismo prova a existência de um mundo invisível, bem mais complexo ainda que o mundo material. Ele prova também a imortalidade da alma humana e da consciência individual e, enfim, a evolução da alma através das vidas sucessivas que as levam para o conhecimento e para a perfeição.

– Esta teoria é a de Pitágoras?

– Sim... e de Jesus, pois ele ensinou a pluralidade das vidas em sua conversa com Nicodemos e, também, quando disse que João Batista era a reencarnação de Elias.

– Porém isto é contrário ao dogma católico.

– Certamente! A Igreja, que visava antes de tudo impor seu jugo, transformou a ideia de Cristo e ensinou a doutrina de uma vida única com a ameaça do inferno, a fim de pôr nas mãos dos sacerdotes um potente meio de dominação política...

– ... É verdade que sonhais ver o ensino do Espiritismo nas escolas?

– Eu sonho ver ensinar às crianças a doutrina da sobrevivência, para substituir o catecismo com um horizonte mais largo e dar-lhes uma moral elevada. Mas vai muito longe daí e não nos ocorre mostrar-lhes fantasmas, nem ectoplasmas, nem fenômenos perturbadores, que não podem ser controlados senão pelos pesquisadores ponderados e prudentes; pois nestas experiências podem se imiscuir maus e perigosos espíritos. Aqueles que levantam o véu do mistério devem ser capazes de separar o que é útil para o bem da humanidade.

Na fronte de nosso interlocutor parecia irradiar a auréola dos apóstolos.

Nós o deixamos profundamente perturbado.

Ch. Esquier."

O mestre não deixou Paris no encerramento do Congresso. Ele permaneceu dois dias ainda entre seus amigos parisienses, felizes por tê-lo junto deles; ele se mostrou alegre, encantador, pleno de espírito. Brincava-se com ele a respeito de seus hábitos, que ele havia abandonado.

O Sr. Jean Meyer veio testemunhar-lhe sua gratidão e sua alegria, visto ter ele decidido presidir ao Congresso do qual fora a alma. Léon Denis, muito emocionado, prestou homenagem ao Sr. Meyer e seus preciosos colaboradores, assegurando o sucesso do Congresso com uma preparação metódica e cuidadosa.

No dia 15 de setembro, Léon Denis voltava a Tours; nós o vimos no dia seguinte e como antes de sua partida, ficamos surpreendidos com sua grande calma. Ele retomou logo em seguida sua vida e ninguém poderia supor que um acontecimento de importância capital havia conturbado sua vida durante dez dias.

O maravilhoso equilíbrio dos sábios, que as vaidades do mundo não perturbam e a quem só cativa a vida do espírito.

***

Este Congresso teve uma profunda repercussão na imprensa. Um repórter foi sucessivamente interrogar o Cardeal Dubois e o pastor Roberty. A Igreja Católica é consciente do estado do espírito moderno, e seus oradores não temiam falar acerca da inquietude humana. O Cardeal, muito informado dos trabalhos do Congresso Espírita, naturalmente defendia que só o Evangelho pode responder às duas questões que, em todos os tempos, foram propostas aos homens: Que somos? Para onde vamos? E terminou por este conselho dirigido aos espíritas:

“Quisestes acabar com as misérias desta Terra, fizestes esforços por um ideal; nesse esforço prossegui; então o Cristo falará em vossa alma para vos revelar a verdade.”

O pastor Roberty, um dos ministros mais eminentes do Protestantismo, presidente do Consistório da Igreja Reformada,

tão advertido quanto o Cardeal Dubois quanto ao Espiritismo, fez esta declaração:

O Espiritismo é uma ciência que é louvável estudar; o que eu reprovo aos espíritas é de imiscuir o sentimento religioso às suas práticas. Que eles estudem certos fenômenos psíquicos ainda mal conhecidos, eu não os condeno por isto, seu erro é o de querer criar uma espécie de religião racional."

Contrariamente ao Cardeal Dubois, ele confessa que o Evangelho não explica tudo, mas o crente não tem necessidade de demonstração. E como o jornalista lhe propunha esta questão:

– Desaconselhai a prática do Espiritismo aos vossos correligionários?

– Eles podem fazê-lo, sob as reservas que indiquei – respondeu.

O mestre ficou muito interessado pela leitura dessas entrevistas. O ponto de vista de duas altas personalidades do clero católico e protestante estavam longe de lhe serem indiferentes e ele não deixou de apreciar a amplidão e a independência de suas vistas.

Léon Denis se havia tornado menos combativo no final de seu apostolado. Ele não era mais o "velho espírita" da brochura publicada outrora e intitulada "Resposta de um velho espírita a um doutor em letras de Lyon". Assistindo há cinquenta anos às controvérsias por vezes calorosas entre católicos e espíritas, ele deixava os jovens responderem às polêmicas e dizia:

Vale mais a luta através da crítica do que a conspiração do silêncio. Isto nos leva a conhecer. A verdade negada por uns se propaga por outros, nada poderá agir contra ela pois que as forças do Alto participam do combate."

Como todos os velhos, Léon Denis era refratário às objetivas dos fotógrafos; antes do Congresso, os amigos e admiradores possuíam somente duas fotografias suas. Uma velha, feita em Lyon, traz o seu autógrafo e o representa em sua maturidade; a outra, mais recente, obtida pela amabilidade do Sr. e Sra. J. Melon, espíritas parisienses que viam o mestre quando eles

estavam em veraneio em Vouvray. Este não quis se negar às suas instâncias e pousou iluminado por um raio de sol diante da janela de seu quarto. Sua fisionomia estava impregnada de uma bonomia sorridente, “pois que vós lutastes como vos recusar!” parece ele dizer aos amáveis amadores.

O Congresso deveria nos proporcionar um novo retrato do apóstolo. Esta fotografia foi publicada no número da *Revista Espírita* de novembro de 1925 e reproduzida no número de maio, quando da desencarnação do mestre. Uma bela ampliação do busto foi feita para o livro do Relatório do Congresso. A cabeça enérgica, tem qualquer coisa de escultural, e admirando a bela fronte do pensador deplora-se que Léon Denis não tenha acedido ao desejo de um escultor parisiense, o Sr. Henri Boillon, que, em uma carta muito amável, datada de 2 de dezembro de 1909, propunha-lhe modelar os traços em cera. Ele se exprimia nestes termos:

“Eu desejo muito materializar em um busto o rosto que é o frágil envoltório de um puro e alto espírito, mas eu não ousaria vos pedir esta honra se vós não me désseis a coragem fazendo-me uma muito agradável surpresa pela remessa de vosso *Jeanne d’Arc Médium*.”

“Claire Baumard - Léon Denis na Intimidade”
Cap. IX - 1925 O Congresso de Paris

III

Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso, na reunião de abertura em 10 de Setembro 1925

Senhoras e Senhores,

A pedido de meus irmãos, abandonei minha aposentadoria onde vivi por 10 anos na meditação e na comunicação intelectual com o Invisível. Compareci a este Congresso para pronunciar algumas palavras de boas-vindas, de harmonia e encorajamento; para lhes oferecer os frutos, os conselhos da minha velha experiência.

Foi uma grande alegria para mim poder saudar, no último domingo, nesta mesma sala, os delegados das nações vindas para dar o testemunho do desenvolvimento global, diria mesmo, o triunfo de nossa causa.

Se eu olhar para trás e observar o caminho percorrido, posso dizer que segui, passo a passo, o desenvolvimento do Espiritismo na França, nestes 50 anos. Participei das lutas que tivemos que suportar para abrir espaço no nosso país, isto é, em um mundo petrificado pelo dogmatismo ou pelo materialismo.

Senti a obstinada resistência do bloco formado pelas opiniões hostis e dos interesses combinados; como todos os divulgadores do Espiritismo, eu sabia dos vários tipos de conspiração, do silêncio e dos ataques furiosos da calúnia e da difamação.

A tarefa foi difícil em alguns momentos, mas apesar dos obstáculos de todos os tipos, o Espiritismo prosseguiu o seu

caminho, espalhando-se em todos os ambientes e hoje tenho a satisfação de ver, neste Congresso, o culminar de tantos esforços, a consagração de tanto trabalho e as primeiras luzes de um novo amanhecer.

Os conferencistas atuais, pouco podem compreender como foi o princípio que tivemos, mas gostaria de dizer que nas horas difíceis, o apoio do plano espiritual nunca nos falhou. Sempre nos sentimos apoiados, ajudados por forças radiantes e as intuições dos guias invisíveis e até nas oposições mais violentas, sentimos os eflúvios poderosos, as correntes de inspiração nos sustentando.

Senti essa ação do plano espiritual, sobretudo quando apareceram as fraudes retumbantes que tornavam a situação muito delicada e conturbada. Também quero dar o testemunho de gratidão para com os grandes espíritos, cujo apoio nunca nos falhou e que, no momento presente, ainda paira sobre o Congresso, para inspirar os trabalhos e dirigi-los por um caminho certo, de uma forma segura.

Aqui, surge uma questão. Perguntaram-me, muitas vezes, no início deste Congresso, o que é o Espiritismo? O Espiritismo é apenas uma ciência, uma doutrina, uma religião? Analisemos a palavra religião, no seu sentido mais amplo e elevado e não no sentido cultual.

Bem, digo diretamente: o Espiritismo é mais do que isso, deixe-me explicar: em sua evolução ao longo dos séculos, o homem acreditava ter definido as fronteiras entre os diferentes domínios do pensamento. Ele compilou-as em divisórias estanques, criou os compartimentos. Em um, ele colocou a ciência, em outro, a filosofia e em outro, as religiões. E tudo se contradizendo, se combatendo e desses conflitos, resulta um estado de confusão, de incerteza que é a causa da maioria dos males da humanidade.

Ora, o Espiritismo, longe de se confinar nestes moldes antigos, nesses compartimentos estreitos onde o pensamento se estiola e se enfraquece, ele acaba por transbordar por todos os lados. O

Espiritismo fez um esforço, não para destruir, mas para ampliar, expandir, para arrebatar o espírito humano das rotinas do passado e fazer subir para estágios superiores do conhecimento, através de uma compreensão, uma concepção mais ampla, mais completa da vida universal; para uma síntese em que possamos unir e misturar um dia, todas as formas de pensamento e ciência.

O Espiritismo não é outra coisa senão o estudo da vida em sua realidade, na sua plenitude; a vida em suas duas formas alternantes: visível e invisível. Existem ainda poucos homens, e até mesmo estudiosos que conhecem a vida invisível e que tenham compreendido suas leis. No entanto, esta vida nos domina, nos envolve, nos enlaça. Saímos dos nossos nascimentos e mergulhamos de volta para a morte. A vida invisível é ilimitada no tempo e no espaço. Ela é pré-existente e sobrevive a tudo, ao passo que a vida terrestre é apenas uma forma passageira de existência, fugaz como a sombra de um instante.

A vida invisível é a base das forças, dos poderes que animam o Cosmos; é o mundo das causas, das forças e das leis; sem a conhecer, nenhum homem, nenhum cientista jamais poderá resolver o enigma do universo.

Então, como podemos bloquear as manifestações desta vida imensa em moldes estreitos, em compartimentos apertados que a ciência nos deixou como legado? É por isso que não me canso de gritar a todos: ampliem suas estruturas e métodos, se vocês quiserem entrar neste caminho largo, nessa etapa nova que o Espiritismo abre ao pensamento e à ciência!

É evidente que diante das perspectivas que se abrem, as formas do passado e as estruturas da ciência humana são insuficientes para estudar o mundo invisível e as provas de sobrevivência após a morte.

O mesmo acontece com a religião, cujos dados sobre a vida no além são reconhecidos como imprecisos ou incompletos de acordo com o testemunho universal dos falecidos.

Quanto à filosofia, apesar da beleza que ela nos oferece, precisamos reconhecer que esses sistemas numerosos e

contraditórios obscurecem mais que esclarecem sobre o problema do destino. Neste domínio ainda, o Espiritismo nos fornece uma síntese mais de acordo com a realidade e a verdadeira lei dos renascimentos.

Para compreender a solução profunda que o Espiritismo oferece nesse campo do conhecimento humano, devemos elevar-nos dos fenômenos vulgares e viver na intimidade dos grandes espíritos. Devemos recolher seus ensinamentos, como fizeram Allan Kardec e todos aqueles que seguiram seu conselho.

Maior que os fatos de ordem física, devemos dedicar atenção aos fenômenos intelectuais, o papel importante que eles merecem, como foi demonstrado, com autoridade, por Sir W. Barrett em seu belo livro recentemente publicado: 'No limiar do invisível'.

Somente então, poderemos calcular todo o alcance social do Espiritismo e suas vastas consequências, apreciar toda a grandeza e beleza de uma revelação que traz consolo, esperança, força moral para a pobre humanidade em sofrimento.

Vocês já perceberam a transformação que ocorre lenta e silenciosamente - não digo fisionômica - melhor dizer pela alma de nosso planeta, por quase um século, ou seja, desde o surgimento do Espiritismo? Das forças novas que entraram em ação, porque o mundo invisível está trabalhando, e os choques dos conflitos gerados pelo encontro de correntes novas com as forças resistentes do passado, resulta em um estado de confusão e desordem que, por vezes, assemelha-se ao caos. Mas, o observador atento, no meio desta confusão, sabe discernir a ação das forças que trabalham para a preparação de uma nova ordem.

Bem, a esta humanidade que se eleva ardentemente, apaixonadamente, ávida de viver e de crescer, precisamos de formas novas, deve ser uma crença, um credo universal que possa unir todos os pensamentos e corações em uma aspiração comum para o bem, para a beleza suprema, para Deus! E isso será a obra de realização futura que o Espiritismo é o propulsor.

Para encerrar, quero lembrá-los de algo essencial; na marcha da humanidade, nesta marcha para o destino, para a verdade, a

luz, para esse objetivo distante que se chama perfeição, vocês estão na vanguarda desta caravana humana e devem servir de guias.

E esta situação privilegiada também impõe grandes deveres e pesadas responsabilidades: o dever de manter, defender, de afirmar para o mundo inteiro, os princípios formulados por Allan Kardec e pelos apóstolos anglo-saxões, os princípios do novo espiritualismo, que no meio da confusão e desordem moral de nosso tempo, parece ser um dos últimos refúgios do pensamento, uma suprema esperança e talvez mesmo, uma forma de salvação para a pobre humanidade ainda presa, em tantos pontos, à matéria.

É por isso que exorto-os a descartar de seus trabalhos, seus debates, tudo que seja suscetível de enfraquecer, de minar esses princípios consagrados em todos os congressos anteriores. Esses princípios são um legado precioso, eles devem ser aperfeiçoados em seus estudos mais brilhantes, mais vivos que nunca, para preencher o mundo com seu papel renovador, regenerador. (Aplausos.)

IV

Discurso do Sr. Léon Denis, presidente do Congresso na Sessão de encerramento em 13 de setembro 1925

Irmãos e irmãs na fé, os congressos anteriores foram, como sabem, etapas deste grande movimento de ideias que se chama Espiritismo. Todos esses congressos, particularmente, o de Paris em 1900, de Liège e Genebra mais recentes, tiveram como base de seus trabalhos e afirmados por suas conclusões, os princípios do Espiritismo desenvolvido por Allan Kardec, reunidos pelos ensinos dos Espíritos de todas as partes do mundo.

Durante as discussões e em todos os trabalhos, os congressistas tomaram o cuidado de excluir qualquer coisa que possa dar ao Espiritismo um caráter dogmático, um caráter místico ou sectário; deixando, assim, o Espiritismo aberto a todo progresso, todos os desenvolvimentos futuros, e isso em resposta a aqueles que afirmam que o Espiritismo é uma ortodoxia, enquanto que ele é uma filosofia viva e livre, que evolui no caminho dos conceitos do pensamento e da ciência.

Desses trabalhos, desses debates, formou-se uma forte corrente de opinião, uma corrente que cresceu, que se acentuou e que se tornou uma força regenerativa, uma corrente que penetrou em toda parte, como vocês podem ver ao seu redor, na literatura, nas artes, mesmo no jornalismo, e acabou chamando a atenção de todos.

E agora, neste Congresso de 1925, que se vem coroar magnificamente todos esses esforços, todos esses longos trabalhos. Vocês afirmaram em suas consciências, em suas almas, em suas mentes, os mesmos princípios que defendemos há meio século e foram consagrados pelos congressos anteriores. Não houve negação, não houve divisão, mas sim uma sequência, uma harmonia de um mesmo pensamento que evoluiu, que se perseguiu ao longo dos tempos. Mas, vocês trazem consigo algo mais, vocês trazem uma coisa nova: a federação, esta organização já forte e poderosa, porque ela se estende até os confins da Terra e que reuniu, agrupou para fazer andar para a frente, todas as forças da mente, inteligência e coração. E isso será mais tarde, uma alavanca capaz de elevar o mundo do pensamento e da ciência.

Além disso, quando a história registrar o início deste grande movimento de ideias, ela vai reconhecer o seu trabalho, seus esforços e suas intenções.

Vocês podem se sentir orgulhosos de sua obra, da parte que vocês tiveram parte, e quando vocês retornarem a suas pátrias, a seus lares, vocês poderão dizer a todos que o Espiritismo está bem vivo e que emergiu mais forte e mais poderoso do que nunca, depois destes trabalhos do Congresso.

Hoje, o poder do Espiritismo e seu importante papel aparece a olhos vistos. Todos compreendem que ele fornece uma solução para muitos problemas e uma cura para muitos males. Vocês viram e acompanharam os esforços das nações para estabelecer a paz universal. Vocês sabem que a Inglaterra e a França, têm graves problemas sociais que nos preocupam. Na França, por exemplo, temos o grave problema da reforma da educação, a criação de uma educação popular que arranque das gerações as sugestões do egoísmo, do materialismo e anarquia. Vocês têm em suas mãos, os meios de facilitar as reformas e o progresso.

Vamos nos separar, mas, primeiramente, deixem-me dirigir os mais calorosos agradecimentos, um agradecimento cordial a todos nossos colaboradores dedicados, e, principalmente, a nosso

secretário geral, que realizou uma tarefa árdua com uma facilidade, uma animação que todos admiramos. Agradeço a todos esses homens dedicados e generosos aqui presentes, que fizeram a sua contribuição à obra de elevar o pensamento e a ciência. Agradeço à imprensa que se dispôs a acompanhar, solidária, o nosso trabalho e nossos esforços em difundir o Espiritismo no mundo.

Não quero esquecer ninguém, e agradeço a todos que têm gentilmente mostrado atenção e perseverança contínua em nossas sessões.

Permitam-me, finalmente, contar uma anedota, uma lembrança:

No Congresso em 1900, que presidi, os delegados espanhóis, Aguarod e Estèva Marata, chegaram a Paris entusiasmados, dizendo: 'Nós vamos encontrar na pátria de Allan Kardec, uma organização digna do Espiritismo e uma instalação semelhante ao tamanho e poder da ideia.' Depois de uma visita ao Père-Lachaise, eles procuraram o centro de reunião do Espiritismo em Paris. Mas, os espíritas parisienses eram pobres. Depois de muita pesquisa, eles finalmente encontraram na rua Faubourg Saint-Martin, no final de um corredor, uma construção de tábuas, que talvez tenha sido uma estrebaria, e que era apropriada às reuniões espíritas. Esta construção somente foi fechada porque não podíamos usar aos domingos, e foi para esses delegados uma grande decepção. Eu mesmo, tive um momento difícil para restaurar a opinião que eles poderiam ter do Espiritismo francês. Mas, aos poucos, pelas manifestações fraternas e, especialmente, pelos discursos vibrantes que foram pronunciados no final do Congresso, novamente pude despertar neles o entusiasmo que parecia ter acabado.

Hoje, o congresso não se realiza mais em uma construção de tábuas, mas em um magnífico hotel, admiravelmente adequado para todo tipo de necessidade de nossa causa, oferecendo vários tipos de serviços. Isto é uma obra completa e harmoniosa. Este local, que todos conhecem, na rua Copernic, tem também um

instituto que possui todas as melhorias necessárias para experimentação. Tudo isso é devido ao senhor Jean Meyer, que tenho a felicidade de expressar a gratidão de todo o Congresso pelos enormes sacrifícios que ele fez para conseguir dar ao nosso trabalho uma figura digna dele, digno de respeito e consideração por todos. Exposto isso, quero lembrar também, a perseverança, a determinação firme, no meio de inúmeras dificuldades, daqueles que colaboraram com o senhor Jean Meyer, que possibilitaram-no de preparar estes grandes fundamentos do Espiritismo e garantir o sucesso.

Finalmente, agradecer, especialmente, nossos irmãos ingleses, estadunidenses, e de todas as outras nações que vieram participar do nosso trabalho, incluindo sir Arthur Conan Doyle, que deu um forte impulso à opinião espírita e influenciou através de suas palavras vibrantes, a imprensa inteira francesa. Nunca esqueceremos sua ajuda, e cada vez que ele retornar a França, assim como vocês, meus irmãos e irmãs, serão saudados de uma forma absolutamente sincera e fraterna. Quero também agradecer a Lady Conan Doyle, que gentilmente acompanhou o famoso escritor, conhecido mundialmente, porque ele semeou no mundo as sementes da verdade e da fé.

Vamos nos separar, e talvez, não nos reencontremos novamente neste mundo, mas certamente, iremos nos rever novamente no outro, e nós continuaremos a trabalhar para servir à causa da verdade, que espalhamos, sempre que podemos, os raios do sol nascente chamado Espiritismo!

Para finalizar, peço que as bênçãos do plano espiritual caiam sobre vocês, peço às correntes do poder divino, para que penetrem e fecundem suas almas e que os ajudem a manter a dedicação, a coragem, esta abnegação que os ajudará a enfrentar os desafios da vida, e vocês triunfarão sobre o ceticismo e materialismo, espalhando pelo mundo, a fé e convicção que existem em seus corações. (Aplausos.)

***

Após os aplausos que saudaram o fim do discurso do venerável presidente deste Congresso, nosso simpático irmão, senhor Oaten, delegado da Grã-Bretanha, o secretário de 'The Two Worlds', expressa o prazer dos espíritas ingleses de ver o sr. Léon Denis, que muitos só conheciam pelo nome. Agradecemos ao sr. Meyer e todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para este grande trabalho do Congresso, e da bela exibição, cujo mérito pertence ao sr. Pascal Forthuny.

As divergências de opinião, disse ele, que parecem existir ou que se apresentam entre os irmãos franceses, ingleses e estadunidenses são, na realidade, apenas aparentes. Principalmente, elas são diferenças de palavras, de educação, da influência exercida pelas nossas culturas. Sr. Oaten vê precisamente na união estreita de todos os espíritas nas fundações mundiais, como a única oportunidade de superar as dificuldades e dar à luz os primórdios da fraternidade humana a que estamos comprometidos. Portanto, precisamos comparecer no próximo Congresso Internacional.

Dr. Wallace, membro da 'Société de Recherchés Psychiques' de Londres, endossou as palavras do sr. Oaten e agradece, por sua vez, em nome da 'London Spiritualist Alliance', e aos organizadores do Congresso.

O reverendo sr. Grimshaw, que representa a maior entidade de encontro dos espíritas do mundo: a 'National Spiritualist Association de New York', Estados Unidos, e nos comunica seu prazer de estar conosco. Parabenizou a criação da 'Fedération Spirite Internationale', como o meio mais eficaz e prático para que esta fraternidade possa se tornar universal e real, não só em palavras, mas materialmente. Ele diz que se for necessário divulgar na América para que ela se ligue à 'Fedération Spirite Internationale', essa palavra será dita por ele, da Califórnia até o Estado de Nova York.

Sra. Cadwallader, editora do principal jornal 'The Progressive Thinker', agradece também, como nossos irmãos ingleses. Ela anuncia ao Congresso que espíritas estadunidenses decidiram

erigir um monumento afirmando a doutrina espírita, que será construído em memória dos fatos de Hydesville, onde foram observados as primeiras manifestações. Este monumento, cujo princípio foi adotado por todos, terá como objetivo mostrar toda grandiosidade, toda a ação moral e social e todos os objetivos almejados pelos movimentos espíritas em geral. A sra. Cadwallader promete traduzir em jornais estadunidenses, o grande esforço que tem sido feito para a união internacional.

Querendo prestar uma homenagem a Allan Kardec, ela agradece àqueles que em Hydesville, chamaram a atenção do universo sobre esta declaração: 'A morte não existe!'.

Sr. Mack, que representa o importante movimento inglês em favor da infância, pensa que a atenção que o Congresso deu a esta grave questão se traduz pelas realizações que se propagam de acordo com o possível.

Sr. Rishi, o corajoso delegado da Índia, depois de agradecer também, como os outros, diz que na Índia, milhões de hindus reconhecem nossas teorias de uma forma bastante normal. Ele expressa a esperança de que, algum dia, o Congresso espírita seja realizado na Índia.

Sr. Allans saúda-nos da Califórnia, onde o dr. Schild organizou o ensino do Espiritismo, para tornar ajudar os homens a compreender a fraternidade que os une.

O sr. Beversluis, delegado da Holanda, recita um delicado poema espírita que lamentamos não poder reproduzir aqui por falta de oportunidade.

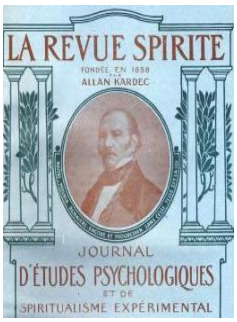
***

Após os discursos, o Sr. Léon Denis sobe novamente ao palco e pronuncia as seguintes palavras:

Queridos irmãos e irmãs,

Vocês afirmaram e tornaram mais estreita a colaboração entre os dois mundos, visível e invisível. Vocês realizaram uma intervenção mais intensa dos espíritos na evolução humana, em sua participação em nossos trabalhos e esforços para tornar a

humanidade mais sábia, mais esclarecida e feliz. Que as forças invisíveis os ajudem, que os raios celestes os protejam, para que pelo resto de suas existências, vocês possam trazer o seu apoio a esta grande obra. Que os seus pensamentos sejam sempre unidos para o bem comum, o bem da humanidade.



V

Discurso Sr. Léon Denis publicado na Revista Espírita do mês outubro e novembro de 1925, pronunciado por ocasião Congresso Espírita Internacional de Paris de 06 a 13 de setembro em 1925.

Discurso do Senhor Léon Denis

Membro de honra da Federação Espírita Internacional - presidente do Congresso

Senhoras e Senhores,

Irmãos e irmãs na fé,

Depois de agradecer ao presidente inglês do Congresso por essas belas e generosas palavras que ele dirigiu a mim, estou feliz em poder saudá-los e dar boas-vindas em nome dos espíritas franceses.

Tenho o prazer de saudar os delegados das nações que vieram dos lugares mais remotos do mundo para participar de nossos trabalhos. Saúdo a todos aqueles que não hesitaram em deixar suas casas, em alguns casos, de percorrerem longas distâncias para cooperar conosco na obra de concórdia e união fraterna. E estou, particularmente, muito emocionado em ver entre nós, a numerosa delegação britânica, porque como sabemos, são os nossos irmãos ingleses que, no momento, portam a bandeira do Espiritismo com mais firmeza, e gostaria de dizer-lhes que o Espiritismo e o Espiritualismo são apenas duas palavras para definir o mesmo princípio e a mesma doutrina, como foi estabelecido através de um forte argumento pelo professor

Barrett em seu magnífico livro que publicou antes de morrer - sua última obra - que é uma síntese maravilhosa do Espiritualismo, e que tem por título: ´No limiar do invisível´. Saudamos nossos irmãos ingleses efusivamente, assim como saudamos a todos de outras nações, em nome de nossas crenças comum, em nome da grande causa que servimos. (Aplausos.)

É provável, senhores, que muitos de vocês estejam aqui pela primeira vez, e ainda assim, todos nos sentimos unidos por essas conexões poderosas, pelos laços espirituais que unem as almas na fé sincera, nas aspirações ardentes para a verdade e a luz. Não seria esse, o laço por excelência, o vínculo indestrutível que une as almas como membros de uma mesma família, assim como a Terra se une ao espaço. Porque todos nós sabemos que acima de nossas pequenas pátrias terrestres, acima de nossas pátrias humanas, mais acima de nossas diferenças de língua e raça, existe a grande pátria eterna, de onde todos saímos ao nascer, e que retornamos na hora da morte para nos encontrarmos na pátria das almas, lugar onde não existem os limites e fronteiras, porque é o campo imenso da evolução, a evolução de todos os seres em sua ascensão lenta e gradual em direção a Deus. (Aplausos.)

Deixe-me lembrá-los de uma grande lei da história, trata-se da marcha dos povos para a unidade e nesse ponto de vista, vocês sabem que a nossa época é dominada por um evento significativo, isto é, a fundação após a guerra, da criação da Sociedade das Nações. Assim, as pessoas demonstraram sua vontade de se reunirem, de se entenderem, de acabarem os conflitos sangrentos, as lutas fratricidas que, de vez em quando, dilaceram cruelmente a humanidade.

Mas o que aconteceu? É que desde as primeiras assembléias, das primeiras reuniões, tivemos que reconhecer que as almas das nações tinham mentalidades diferentes, tinham pontos de vista diferentes, tinham interesses opostos ou mesmo contraditórios. Tivemos que reconhecer que as opiniões, gostos, tendências não ofereciam mais uma convergência, uma homogeneidade necessária para alcançar a harmonia. O que fazer, então? O que

estava faltando? Não era pela ordem econômica, nem política, nem mesmo pelas religiões que mutuamente se excluíam, que poderíamos encontrar elementos para uma forte concordância em um longo acordo!

Eis o que faltava: a fé comum. Quando uso a palavra 'fé', é no sentido de crença, de uma convicção profunda, de um desejo ardente. Faltava, então, uma fé comum baseada na ciência, na razão, apoiada em provas experimentais que têm um caráter universal, global. Provas que ensinam aos homens, aos povos, o verdadeiro significado, o significado profundo da vida, que os façam conhecer as grandes leis da justiça, do progresso, que dominam todas as coisas e, acima de tudo, a grande lei da conseqüência dos atos com as responsabilidades inerentes a eles, com as repercussões que esses atos trazem através dos tempos, dos séculos e sempre recaem sobre seus autores. Faltava uma fé livre, independente de dogmas, uma fé positiva, mas bastante forte para fazer convergir todas as vontades, todos os esforços, todas aspirações para este objetivo essencial de toda a existência humana: a evolução. A evolução na plenitude de recursos, dos meios de ação que possui o nosso planeta, este planeta que não passa de uma etapa da estrada sem fim. (Aplausos.)

O que era necessário, Senhores, era uma fé suficientemente forte para ensinar ao homem vencer suas paixões, a dominar seus interesses próprios, seus instintos egoístas, para cooperar com a ordem e a harmonia geral. É o cimento necessário, o cimento indispensável para toda obra poderosa e durável, enquanto o edifício social e mundial esteja desprovido, então! Não haverá segurança, nem paz, nem um futuro tranquilo. Na verdade, eu pergunto: como poderíamos sonhar em fazer um acordo entre interesses diversos? Como poderíamos fazer valer a harmonia, a justiça nas instituições sociais, se não sonhamos, em primeiro lugar, a fazer penetrar essas coisas nos nossos espíritos, nos nossos pensamentos e consciências? Se vocês me perguntarem de onde virá esta fé, essa crença, responderei: do Espiritismo, do Espiritualismo, como dizem os nossos irmãos britânicos, é a

revelação dos Espíritos que nos une a todos aqui pela mesma tarefa, que nos faz comungar em um mesmo pensamento, em um mesmo coração, em uma obra elevada e séria; é o Espiritismo, que penetrará em todas as esferas da vida, que contribuirá ao longo do tempo na educação das massas; é ele quem nos dará a fé superior, esta fé livre, esta fé positiva que vai ser um grande socorro, uma ajuda incomparável para a solução dos problemas sociais, e também consistirá em fazer - não digo a unidade, isso não é possível - mas, pelo menos, um acordo entre todas as nações. (Aplausos.)

No momento, fala-se muito em segurança. É provável que no momento em que nos encontramos, nossos estadistas se reúnem em Genebra para assinar o que se chama o pacto de garantias contra os conflitos futuros.

Mas é possível confiar em uma segurança de longa duração enquanto os homens se baseiam na força física? Para nós, espíritas, a segurança só pode surgir a partir da força moral, da vontade coletiva de concórdia, paz e harmonia. Para isso, temos que levar em conta duas coisas essenciais. Primeiro, ignorar, na medida do possível, os interesses materiais. Sobretudo, teríamos que comungar um mesmo ideal superior, a mesma ideia, a mesma compreensão da vida e sobrevivência; apoiada sobre a ciência dos fatos, nos testemunhos do além-túmulo, que foram coletados em vários países, baseados sobretudo nesta noção, na grande Lei da Justiça, que governa todos os atos, fixando as repercussões pelos tempos para todos os indivíduos e povos.

Esta concepção que as religiões nos passaram, de uma forma incompleta, imprecisa, o Espiritismo vem oferecer ao pensamento, à consciência das gerações. E é por isso que temos o dever de manter, de afirmá-la na sua integridade e plenitude. Temos o dever de afirmar para o mundo, e esta será a obra deste Congresso, suas obras. Senhores, acreditamos que esta obra seja o instrumento essencial, o instrumento absolutamente necessário para alcançar a renovação moral e a pacificação universal. (Aplausos.)

Talvez, alguém me dirá: é uma utopia, uma quimera. Já nos foi dito isso antes. Nos disseram que é um sonho, um belo sonho, mas tenho um bom argumento e posso responder a nossos adversários sobre este ponto; esta Federação, que se constitui não é a prova de nossas aspirações. Nossas esperanças são plausíveis de serem realizáveis? Esta Federação ainda está na fase de infância, mas gradualmente ela se fortificará, ela crescerá, ela já tem representantes de todos os lugares, de todas as nações, e não é demais esperar que ela se tornará ainda mais forte, mais poderosa. Ela provocará um movimento de opinião que impressionará o mundo inteiro em direção a horizontes mais amplos, menos carregados de nuvens escuras, para um futuro menos cheio de perigos e ameaças e, finalmente, a Humanidade poderá ver brilhar uma época mais feliz, mais calma, mais isenta de paixões, de erros que perturbam o trabalho de desenvolvimento e evolução. (Aplausos.)

Senhores, antes de finalizar, não é um dever recordar a memória daqueles que fundaram e traçaram as bases desta obra que cresce lentamente, mas, que um dia abrigará o pensamento e a consciência das gerações? Honremos esses homens esforçados, que mantiveram a calma, não tiveram medo de afrontar a opinião hostil, de proclamar sua convicção e o resultado de seus trabalhos. Em primeiro lugar, coloco os cientistas ingleses, de William Crookes até Lodge, passando por Wallace, Myers, Barrett, sem esquecer o nosso amigo Conan Doyle, que deu um grande exemplo. Muitas vezes cito o exemplo dos cientistas ingleses e a coragem com que eles enfrentaram o público. É a eles que hoje podemos ver subir este magnífico edifício do pensamento, da ciência humana.

Precisamos reconhecer que não temos na França para apresentar também um grande número de nomes gloriosos, mas temos nossos pioneiros, nossos combatentes, nossos eruditos laboriosos. Vou citar apenas alguns nomes, e lembrarei, sem mencionar Allan Kardec, o grande pioneiro que tem seu lugar à parte, mas citando no campo experimental, exclusivamente

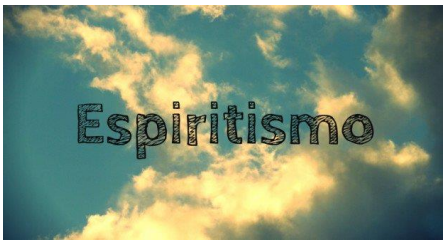
científico, citarei dr. Paul Gibier, o Coronel de Rochas, dr. Geley, Camille Flammarion e outros nomes que vocês conhecem de cabeça e que falarão depois, mais longamente. É graças a esses homens que a ciência francesa por tanto tempo refratária, relutante ou indiferente, começa a se envolver pouco a pouco no caminho que pela força das coisas e pelo poder da verdade, a conduzirá a constatar a existência do mundo invisível com o qual pudemos entrar em contato e de onde nos vieram as inspirações e a coragem necessária para prosseguir o nosso trabalho laborioso.

Sim, a ciência começou a se interessar pelas forças invisíveis, pela telegrafia e telefonia sem fio, e depois foi obrigada a admitir que a radioatividade não era apenas a propriedade de certas substâncias químicas, mas que todos os organismos vivos poderiam emitir eflúvios e radiações.

Hoje mesmo, o Professor Casamalli de Milan veio estabelecer a realidade desses eflúvios, destas radiações dos cérebros humanos que podem fazer vibrar a distância os aparelhos receptores. É assim, aos poucos, que a ciência avança por um caminho que a conduzirá para este oceano de força e para a vida invisível que nos rodeia, domina, nos submerge de alguma forma, que até agora nós a ignoramos e que contém riquezas, tesouros incalculáveis.

O dia não está longe, quando a ciência será forçada a reconhecer a existência dessas grandes correntes de ondas, esses feixes radiantes que podem transmitir o pensamento de um mundo a outro, que ligam todos os seres e mundos e que por essas inspirações superiores podem descer de um plano mais elevado para nós. No dia quando em que a ciência constatar isso, ela será obrigada a reconhecer, consequentemente, a possibilidade das comunicações espíritas, a possibilidade de comunicações entre esse enorme mundo invisível e o mundo da Terra. Assim, todas as mentes e corações poderão brilhar na mesma convicção e crença baseada em um conhecimento mais perfeito, mais completo, mais extenso da obra divina em seu admirável equilíbrio e sua beleza eterna. (Aplausos.)

Para encerrar, evocarei a lembrança de todos aqueles que, há alguns anos, na frente inglesa e francesa, caíram defendendo nosso solo, lutando pela liberdade do mundo e que, de seu sangue, selou-se o pacto entre nossas duas nações, entre nossas duas raças, pacto de aliança que vai, gradualmente, espalhando-se para todos os povos e provocando este grande movimento espiritualista que já me referi. Será que não devemos recordá-los? Eles estão lá, pairando acima de nós, inspirando o nosso trabalho, estimulando nossa marcha, Muitos deles estão reencarnados, enquanto outros reencarnarão para seguir conosco nos combates do pensamento, dissipando os erros, as sombras do passado, e afirmando aos poucos, apoteose gloriosa. Lembro-me, porque parece que ouço suas vozes unidas a todas aquelas que mencionei anteriormente dizendo: Eleve seu pensamento até nós, para que em uma comunhão íntima e profunda, nós asseguremos nesta humanidade a passagem, o triunfo, a dominação do espírito sobre a matéria, o triunfo da alma sobre o corpo e divulguemos a todos a verdadeira finalidade da vida, a ascensão para o futuro esplêndido que nos espera e que nos recompensará de acordo com os méritos e esforços que tivermos feitos em nome do Bem, pela causa da Verdade. (Aplausos.)



NOTA A

Primeiro Encontro de Léon Denis com Allan Kardec

Eduardo Carvalho Monteiro
Escritor, jornalista e biógrafo espírita

Havia apenas três anos que Léon Denis se iniciara no Espiritismo quando, em 1867, Allan Kardec aceitou um convite para pronunciar uma conferência em Tours. Léon Denis teve então a oportunidade de se entrevistar com o Codificador na quinta de Leandre Rebondin, que hospedava o casal Rivail, conforme descreve o próprio Denis:

Alugáramos para recebê-lo e ouvi-lo, uma sala na rua Paul Louis Courrier e pedíramos a necessária autorização à Prefeitura pois, durante o Império, uma severa lei proibia qualquer reunião de mais de vinte pessoas. Acontece que no momento fixado para essa assembléia fomos informados de que o nosso pedido fora indeferido. Encarregaram-me então de permanecer no local a fim de avisar os convidados de que deviam dirigir-se a Spirito-Villa, a casa do senhor Rebondin, na rua Sentier, onde a reunião se iria realizar no jardim. Éramos aproximadamente trezentos ouvintes, em pé, apertados de encontro às arvores. Sob a claridade das estrelas, a voz doce e grave de Allan Kardec fazia-se ouvir; podia-se ver a sua fisionomia, iluminada por uma pequena lâmpada colocada sobre uma mesa no centro do jardim, proporcionando um aspecto fantástico. Foram-lhe postas várias perguntas e ele respondia com bondade, sorridente... As flores do senhor Rebondin ficaram destruídas, mas o importante foi o sucesso daquela noite...

lembrança perpétua e indelével. Falou-nos sobre a obsessão e várias questões lhe foram postas, às quais respondeu sempre bondosamente. Terminada a reunião, todos levaram inefáveis recordações desse memorável encontro.

No dia seguinte, voltei a Spirito-Villa, a fim de visitar o Mestre; encontrei-o trepado numa escada, ao pé de uma grande cerejeira, apanhando os frutos que deitava a madame Allan Karde.Uma cena bucólica que o distraía das suas graves preocupações.

No seu artigo "História do Desenvolvimento do Espiritismo em Tours", Denis completa a informação dos seus contactos com o mestre de Lyon: Eu vi-o mais duas vezes depois da sua viagem a Tours: na sua residência na rua Saint-Anne, em Paris, e pela última vez em Bonneval, na quinta Petit Bois, onde os espíritas do Eure-et-Loire e Loire-et-Cher estavam reunidos para ouvir os seus discursos e confraternizarem. No ano seguinte, em 1869, morria ele subitamente pela ruptura de um aneurisma.

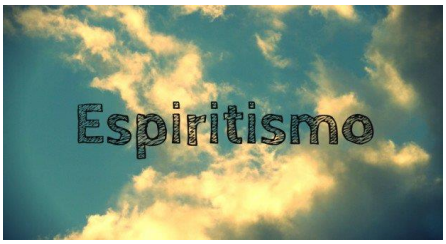
A rua Sentier, em Spirito-Villa, tornou-se um lugar importante e histórico para o Espiritismo, pois foi onde aconteceu a primeira conferência espírita à luz das estrelas, e onde se deu o primeiro dos três encontros que Léon Denis teve com Allan Kardec.

Esta importância histórica levou-nos a conhecer o local no ano 2000. O que era uma quinta, em cujo jardim puderam instalar-se 300 pessoas, conforme relata Denis, foi dividida em lotes ainda naquela época, e hoje abriga casas centenárias muito bem cuidadas pelos seus moradores. Uma pequena rua só para peões, dá entrada a Spirito-Villa, a qual percorremos emocionados. Escolhemos uma casa com um vasto jardim, que imaginámos ser uma parte daquele pisado por Allan Kardec para a sua conferência e, com um pouco de receio, tocámos à campainha. Um jovem atendeu e, falando em inglês, pedimos para fotografar o jardim da sua casa, já que éramos pesquisadores e escritores brasileiros e ali, há mais de 130 anos, dera-se um acontecimento muito importante para nós. Confessamos que tínhamos receio de sermos mal recebidos, perante a inusitada história contada.

Porém, para surpresa nossa, o jovem André, muito gentil, franqueou-nos a entrada e foi chamar a sua simpática avó, Madame Madeleine Renaud que, além da sua amizade, nos ofereceu uma cópia dos documentos da propriedade, datados de 1840 e autenticados com o selo em branco de Napoleão. Não há dúvida que um documento como este pode não representar quase nada para a história do Espiritismo, mas a fidalguia e a amizade com que aquela família de Tours nos recebeu e confiou nos motivos pelos quais dois desconhecidos, que não falavam a sua língua, lhes bateram à porta, foi quase tão emocionante como pisarmos aquela terra em que sabíamos que dois gigantes do pensamento humano tinham deixado as suas marcas há mais de cem anos. Foi, pois, com os olhos nublados e a recordar a descrição de Léon Denis do seu encontro com o mestre, que passámos alguns minutos naquele jardim, fazendo uma sentida prece e tentando transportar a nossa mente para o distante ano de 1868, para ouvir os ecos das palavras do mestre sob a luz da lamparina e tendo por tecto a abóbada celeste. Parecia que a terra ainda guardava a doçura das cerejas caídas aos pés de Amélie Boudet e que o farfalhar das folhas secas, denunciando a chegada do jovem Léon Denis atrasado para o início da reunião, ainda era ouvido pela nossa fantasista audição. E o mesmo sentimento bucólico que Denis viu naquela cena, ele no-lo emprestou, e a nossa imaginação voou alto, muito alto...

Aos privilegiados trezentos ouvintes daquela memorável conferência, somara-se mais um...

Eduardo Carvalho Monteiro
Escritor, jornalista e biógrafo espírita



NOTA B

O CAMINHO DA VIDA

KARDEC, Allan. Obras Póstumas

A questão da pluralidade das existências há desde longo tempo preocupado os filósofos e mais de um reconheceu na anterioridade da alma a única solução possível para os mais importantes problemas da psicologia. Sem esse princípio, eles se encontraram detidos a cada passo, encurralados num beco sem saída, donde somente puderam escapar com o auxílio da pluralidade das existências.

A maior objeção que podem fazer a essa teoria é a da ausência de lembranças das existências anteriores. Com efeito, uma sucessão de existências inconscientes umas das outras; deixar um corpo para tomar outro sem a memória do passado equivaleria ao nada, visto que seria o nada quanto ao pensamento; seria uma multiplicidade de novos pontos de partida, sem ligação entre si; seria a ruptura incessante de todas as afeições que fazem o encanto da vida presente, a mais doce e consoladora esperança do futuro; seria, afinal, a negação de toda a responsabilidade moral. Semelhante doutrina seria tão inadmissível e tão incompatível com a justiça divina, quanto a de uma única existência com a perspectiva de uma eternidade de penas por algumas faltas temporárias. Compreende-se então que os que formam semelhante ideia da reencarnação a repilam; mas, não é assim que o Espiritismo no-la apresenta.

A existência espiritual da alma, diz ele, é a sua existência normal, com indefinida lembrança retrospectiva. As existências corpóreas são apenas intervalos, curtas estações na existência

espiritual, sendo a soma de todas as estações apenas uma parcela mínima da existência normal, absolutamente como se, numa viagem de muitos anos, de tempos a tempos o viajor parasse durante algumas horas. Embora pareça que, durante as existências corporais, há solução de continuidade, por ausência de lembrança, a ligação efetivamente se estabelece no curso da vida espiritual, que não sofre interrupção. A solução de continuidade, realmente, só existe para a vida corpórea exterior e de relação, e a ausência aí, da lembrança prova a sabedoria da Providência que assim evitou fosse o homem por demais desviado da vida real, onde ele tem deveres a cumprir; mas, quando o corpo se acha em repouso, durante o sono, a alma levanta o voo parcialmente e restabelece-se então a cadeia interrompida apenas durante a vigília.

A isto ainda se pode opor uma objeção, perguntando que proveito pode o homem tirar de suas existências anteriores, para melhorar-se, dado que ele não se lembra das faltas que haja cometido. O Espiritismo responde, primeiro, que a lembrança de existências desgraçadas, juntando-se às misérias da vida presente, ainda mais penosa tornaria esta última. Desse modo, poupou Deus às suas criaturas um acréscimo de sofrimentos. Se assim não fosse, qual não seria a nossa humilhação, ao pensarmos no que já fôramos! Para o nosso melhoramento, aquela recordação seria inútil. Durante cada existência, sempre damos alguns passos para a frente, adquirimos algumas qualidades e nos despojamos de algumas imperfeições. Cada uma de tais existências é, portanto, um novo ponto de partida, em que somos qual nos houvermos feito, em que nos tomamos pelo que somos, sem nos preocuparmos com o que tenhamos sido. Se, numa existência anterior, fomos antropófagos, que importa isso, desde que já não o somos? Se tivemos um defeito qualquer, de que já não conservamos vestígio, aí está uma conta saldada, de que não mais nos cumpre cogitar. Suponhamos que, ao contrário, se trate de um defeito apenas meio corrigido: o restante ficará para a vida seguinte e a corrigi-lo é do que nesta devemos cuidar.

Tomemos um exemplo: um homem foi assassino e ladrão e foi punido, quer na vida corpórea, quer na vida espiritual; ele se arrepende e corrige do primeiro pendor, porém, não do segundo. Na existência seguinte, será apenas ladrão, talvez um grande ladrão, porém, não mais assassino. Mais um passo para diante e já não será mais que um ladrão obscuro; pouco mais tarde já não roubará, mas poderá ter a veleidade de roubar, que a sua consciência neutralizará. Depois, um derradeiro esforço e, havendo desaparecido todo vestígio da enfermidade moral, será um modelo de probidade. Que lhe importa então o que ele foi? A lembrança de ter acabado no cadafalso não seria uma tortura e uma humilhação constantes?

Aplicai este raciocínio a todos os vícios, a todos os desvios, e podereis ver como a alma se melhora, passando e tornando a passar pelos cadinhos da encarnação. Não terá sido Deus mais justo com o tornar o homem árbitro da sua própria sorte, pelos esforços que empregue por se melhorar, do que se fizesse que sua alma nascesse ao mesmo tempo que seu corpo e o condenasse a tormentos perpétuos por erros passageiros, sem lhe conceder meios de purificar-se de suas imperfeições? Pela pluralidade das existências, nas suas mãos está o seu futuro. Se ele gasta longo tempo a se melhorar, sofre as consequências dessa maneira de proceder: é a suprema justiça; a esperança, porém, jamais lhe é interdita.

A seguinte comparação é de molde a tornar compreensíveis as peripécias da vida da alma:

Suponhamos uma estrada longa, em cuja extensão se encontram, de distância em distância, mas com intervalos desiguais, florestas que se tem de atravessar e, à entrada de cada uma, a estrada, larga e magnífica, se interrompe, para só continuar à saída. O viajor segue por essa estrada e penetra na primeira floresta. Aí, porém, não dá com caminho aberto; depara-se-lhe, ao contrário, um dédalo inextricável em que ele se perde. A claridade do Sol há desaparecido sob a espessa ramagem das árvores. Ele vagueia, sem saber para onde se dirige. Afinal,

depois de inauditas fadigas, chega aos confins da floresta, mas extenuado, dilacerado pelos espinhos, machucado pelos pedrouços. Lá, descobre de novo a estrada e prossegue a sua jornada, procurando curar-se das feridas.

Mais adiante, segunda floresta se lhe antolha, onde o esperam as mesmas dificuldades. Mas, ele já possui um pouco de experiência e dela sai menos contundido. Noutra, topa com um lenhador que lhe indica a direção que deve seguir para se não transviar. A cada nova travessia, aumenta a sua habilidade, de maneira que transpõe cada vez mais facilmente os obstáculos. Certo de que à saída encontrará de novo a boa estrada, firma-se nessa certeza; depois, já sabe orientar-se para achá-la com mais facilidade. A estrada finaliza no cume de uma montanha altíssima, donde ele descortina todo o caminho que percorreu desde o ponto de partida. Vê também as diferentes florestas que atravessou e se lembra das vicissitudes por que passou, mas essa lembrança não lhe é penosa, porque chegou ao termo da caminhada. E qual velho soldado que, na calma do lar doméstico, recorda as batalhas a que assistiu. Aquelas florestas que pontilhavam a estrada lhe são como que pontos negros sobre uma fita branca e ele diz a si mesmo: “Quando eu estava naquelas florestas, nas primeiras, sobretudo, como me pareciam longas de atravessar! Figurava-se-me que nunca chegaria ao fim; tudo ao meu derredor me parecia gigantesco e intransponível. E quando penso que, sem aquele bondoso lenhador que me pôs no bom caminho, talvez eu ainda lá estivesse! Agora, que contemplo essas mesmas florestas do ponto onde me acho, como se me apresentam pequeninas! Afigura-se-me que de um passo teria podido transpo-las; ainda mais, a minha vista as penetra e lhes distingo os menores detalhes; percebo até os passos em falso que dei.”

Diz-lhe então um ancião: — “Meu filho, eis-te chegado ao termo da viagem; mas, um repouso indefinido causar-te-á tédio mortal e tu te porias a ter saudades das vicissitudes que experimentaste e que te davam atividade aos membros e ao

Espírito. Vês daqui grande número de viajantes na estrada que percorreste e que, como tu, correm o risco de transviar-se; tens experiência, nada mais temas: vai-lhes ao encontro e procura com teus conselhos guiá-los, a fim de que cheguem mais depressa.

— Irei com alegria, replica o nosso homem; entretanto, pergunto: por que não há uma estrada direta desde o ponto de partida até aqui? Isso forraria aos viajantes o terem de atravessar aquelas abomináveis florestas.

— Meu filho, retruca o ancião, atenta bem e verás que muitos evitam a travessia de algumas delas: são os que, tendo adquirido mais de pronto a experiência necessária, sabem tomar um caminho mais direto e mais curto para chegarem aqui. Essa experiência, porém, é fruto do trabalho que as primeiras travessias lhes impuseram, de sorte que eles aqui aportam em virtude do mérito próprio. Que é o que saberias, se por lá não houvesses passado? A atividade que houveste de desenvolver, os recursos de imaginação que precisaste empregar para abrir caminho aumentaram os teus conhecimentos e desenvolveram a tua inteligência. Sem que tal se desse, serias tão noviço quanto o eras à partida, ao demais, procurando safar-te dos tropeços, contribuíste para o melhoramento das florestas que atravessaste. O que fizeste foi pouca coisa, imperceptível mesmo; pensa, contudo, nos milhares de viajores que fazem outro tanto e que, trabalhando para si mesmos, trabalham, sem o perceberem, para o bem comum. Não é justo que recebam o salário de suas penas no repouso de que gozam aqui? Que direito lhes caberia a esse repouso, se nada houvessem feito?

— Meu pai, responde o viajor, numa das florestas, encontrei um homem que me disse: “Na orla há um imenso abismo a ser transposto de um salto; mas, de mil, apenas um só o consegue; todos os outros lhe caem no fundo, numa fornalha ardente e ficam perdidos sem remissão. Esse abismo eu não o vi.”

— Meu filho, é que ele não existe, pois, do contrário, seria uma cilada abominável, armada a todos os que para cá se dirigem.

Bem sei que lhes cabe vencer dificuldades, mas igualmente sei que cedo ou tarde as vencerão. Se eu houvera criado impossibilidades para um só que fosse, sabendo que esse sucumbiria, teria praticado uma crueldade, que avultaria imenso, se atingisse a maioria dos viajores. Esse abismo é uma alegoria, cuja explicação vais receber. Olha para a estrada e observa os intervalos das florestas. Entre os viajantes, alguns vês que caminham com passo lento e semblante jovial; vê aqueles amigos, que se tinham perdido de vista nos labirintos da floresta, como se sentem ditosos, por se haverem de novo encontrado ao deixarem-na. Mas, a par deles, outros há que se arrastam penosamente; estão estropiados e imploram a compaixão dos que passam, pois que sofrem atrozmente das feridas de que, por culpa própria, se cobriram, atravessando os espinheiros. Curar-se-ão, no entanto, e isso lhes constituirá uma lição da qual tirarão proveito na floresta seguinte, donde sairão menos machucados. O abismo simboliza os males que eles experimentam e, dizendo que de mil apenas um o transpõe, aquele homem teve razão, porquanto enorme é o número dos imprudentes; errou, porém, quando disse que aquele que ali cair não mais sairá. Para chegar a mim, o que tombou encontra sempre uma saída. Vai, meu filho, vai mostrar essa saída aos que estão no fundo do abismo; vai amparar os feridos que se arrastam pela estrada e mostrar o caminho aos que se embrenharam pelas florestas.”

A estrada é a imagem da vida espiritual da alma e em cujo percurso esta é mais ou menos feliz. As florestas são as existências corpóreas, em que ela trabalha pelo seu adiantamento, ao mesmo tempo que na obra geral. O caminheiro que chega ao fim e que volta para ajudar os que vêm atrasados figura os anjos guardiães, os missionários de Deus, que se sentem venturosos em vê-lo, como, também, no desdobrarem suas atividades para fazer o bem e obedecer ao supremo Senhor.

KARDEC, Allan. Obras Póstumas
O Caminho Da Vida